

## «NA MINHA FAMÍLIA NÃO»: CULTURAS E INVESTIMENTOS EM FAMÍLIA, HOMOSSEXUALIDADE E CISHETEROPATRIARCADO

### «NOT IN MY FAMILY»: CULTURES AND INVESTMENTS IN FAMILY, HOMOSEXUALITY AND CISHETEROPATRIARCHY

José Rodolfo LOPES DA SILVA<sup>1</sup>, Marcio Rodrigo VALE CAETANO<sup>2</sup>  
e Nilcelio SACRAMENTO DE SOUSA<sup>3</sup>

<sup>1</sup> *Universidade Federal de Pelotas, Brasil*

jrodolfoledes@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8719-202X>

<sup>2</sup> *Universidade Federal de Pelotas, Brasil*

mrvcetano@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4128-8229>

<sup>3</sup> *Universidade Federal Fluminense, Brasil*

nilceliosousa@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8908-1841>

**RESUMO: Introdução:** Em julho de 2021 uma imagem veiculada virtualmente nos capturou e levou a refletir acerca dos investimentos possíveis nas imagens – pensando-as como produtoras de saberes, verdades e relações. Acreditamos que as imagens, e outras expressões midiáticas, nos educam, trazem investimentos – sejam elas de forma consciente ou não. **Metodologia:** Analisamos duas imagens veiculadas virtualmente e elementos da série *Veneno* como investimentos discursivos e não discursivos. Para isso, escolhemos o campo teórico dos Estudos Culturais pelo viés dos estudos pós-estruturalistas, uma vez que consideramos a cultura um campo de disputas, negociações e resistências, sendo, portanto, importante falar de culturas – a partir de suas pluralidades. **Resultados:** Percebemos que sujeitos alinhados à princípios conservadores vêm utilizando imagens como uma forma de normatizar e universalizar a concepção de família a uma família nuclear – cis, heterossexual, branca, composta por um pai, uma mãe e crianças. **Conclusões:** Uma ilustração traz uma família sendo pairada por duas mãos, uma representando a mão de um monstro, que possui garras, e cores do arco-íris, fazendo alusão ao movimento LGBTQTTI+. A outra é a mão de um homem branco que busca impedir a ação desta, protegendo a família do suposto perigo que se aproxima. Também há uma frase com os dizeres «Na minha família não» com destaque para a palavra «não» que se encontra

em vermelho e fonte maior. Imagens que educam para desvalorização da diferença e levam a perpetuação e manutenção de estigmas, violências e um discurso cisheteropatriarcal.

PALABRAS CLAVE: família; homossexualidade; cisheteropatriarcado.

**ABSTRACT: Introduction:** In July 2021, a virtually transmitted image captured us and led us to reflect on possible investments in images, thinking of them as producers of knowledge, truths and relationships. We believe that images and other expressions of media educate us, provide investments, whether consciously or not. **Methodology:** We analyse two images transmitted virtually and elements of the series *Veneno* as discursive and non-discursive investments. For this, we chose the theoretical field of Cultural Studies from the perspective of post-structuralist studies, as we consider culture as a field of disputes, negotiations and resistances, so it is important to talk about cultures – based on their pluralities. **Results:** We note that subjects aligned with conservative principles have been using images as a way to standardise and universalise the concept of family to a nuclear family: cis, heterosexual, white, consisting of a father, a mother and children. **Conclusions:** The illustration shows a family held by two hands. One represents the hand of a monster, which has claws and rainbow colours, alluding to the LGBTTI+ movement. The other is the hand of a white man seeking to prevent the latter's action, protecting the family from the supposed danger ahead. There is also a sentence saying «Not in my family» with emphasis on the word «no» which is in red and in larger print. Images that educate for the devaluation of difference and lead to the perpetuation and maintenance of stigmas, violence and a cisheteropatriarchal discourse.

KEYWORDS: family; homosexuality; cisheteropatriarchy.

## 1. INTRODUÇÃO

Ao realizar esta escrita, envolvemos questões trazidas pela série *Veneno*<sup>1</sup> e algumas imagens que circularam na internet. Com isso, buscamos articular diálogos no campo da sexualidade, do gênero e suas intersecções, pensando que os discursos e imagens proferidas por esses artefatos culturais – série e imagens – interpelam os sujeitos e (re)afirmam práticas, representações e identidade hegemônicas. Para isso, lançamos mão das perspectivas teóricas do campo dos Estudos Culturais, pelo diálogo com suas vertentes pós-estruturalistas.

Acreditamos que muito mais que seduzir, esses artefatos culturais são tensionados por um conjunto de saberes, conhecimentos, formas de pensar e agir. Por isso, entre outras coisas (re)produzem «[...] um certo corpo de conhecimentos [...]» (Silva, 2004, p. 140) que regulam condutas, representações, (re)produzem identidades, valores, hábitos, relações de poder ao mesmo tempo que ensinam como ser homem e mulher. Embora saibamos com Certeau (2017) que nem sempre consumimos como recebemos aquilo que nos é dado.

1. *Veneno* é uma série limitada espanhola, de 8 (oito) episódios, lançada em 2020 pelo serviço de *stream* ATRESplayer.

Na perspectiva cultural, compreendemos as pedagogias vinculadas nos artefatos culturais, nesse caso filme e imagem-texto veiculados na mídia e redes sociais, enquanto processos sociais que ensinam e investem, «[...] uma vez que os discursos instituídos por eles incidem sobre os sujeitos e disputam as subjetividades, apontando formas de ser e de estar no mundo» (Anadon, Caetano & Rangel, 2015, p. 4). Dessa forma, pensamos a cultura como um campo de disputas e negociações em que são (re)construídas posições de sujeito, envolvendo diferentes marcadores como gênero, sexualidade, raça, geração, nacionalidade, dentre outros. É importante demarcar que tais processos não ocorrem sem tensionamentos e resistências, uma vez que onde há poder há resistência (Foucault, 1988). Nos interessa pensar os efeitos de tais relações de saber-poder nos contextos sociais, culturais e na (re)constituição de sujeitos e práticas.

## 2. METODOLOGIA

Analisamos duas imagens veiculadas virtualmente – sendo uma delas em julho de 2021, enquanto a outra fazia referência a uma publicação estadunidense, impressa e veiculada na década de 1980. Também utilizamos elementos da série *Veneno* como investimentos discursivos e não discursivos. Cabe salientar, portanto, que nesse texto, discutimos as representações de gênero e sexualidade na publicidade, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais. Pensando as representações como formadas por ideias, conceitos, valores e imagens que podem determinar estigmas, preconceitos e contribuir para comportamentos e relações sociais. Desse modo, é como nos assinala Marie-Jos Mondzain «[...] quando a imagem não é uma coisa, ela provoca o advento de alguém» (Mondzain, 2011, p. 106). Ou seja, as imagens não são apenas reflexos de informações que circulam no sistema-mundo, mas sim, expressões de sujeitos que as criam, substanciando, opiniões e valores que engendram na sua (des)formação. Entendemos, portanto, que a reiteração compulsória da norma cisheteropatriarcal<sup>2</sup> do sistema-mundo (im) posta na veiculação de imagens-textos e discussões sobre corpos-vidas, negam direitos sociais e submetem todos e todas, em especial os corpos-vidas considerados desviantes, a violação de direitos e precarização, tornando-se, um atentado à democracia.

Na tentativa de perseguir e problematizar essas e outras questões, nos deslocamos entre as perspectivas dos Estudos Culturais que buscamos para pensar como essas imagens e discussões (re)afirmam, movimentam e/ou deslocam assimetrias das perspectivas hegemônicas de gênero, sexualidade e outras intersecções nos múltiplos *espaçostempos* em que circulam. Com isso, pensamos e articulamos também esses marcadores a partir dos estudos de gênero e feministas.

2. A categoria emerge com a junção de cisgeneridade (sujeito que se identifica com o gênero atribuído no nascimento), heteronormatividade (sistema político que determina a dicotomia complementar e assimétrica entre sexos/gênero instituindo a heterossexualidade como norma) e o patriarcado (sistema político-social em que o homem adulto detém o controle sobre todas as relações de poder).

### 3. RESULTADOS

*«Mamãe, você disse que Cristina é uma mulher perigosa. Mas quer saber? Perigosa é uma mãe que te maltrata. Perigoso é ter que fugir de casa aos 13 anos. Perigoso é que em todos os cantos de sua cidade o chamem de bicha e que sua maior tortura seja o desejo de ser amado. Ou sintase sozinho porque ninguém vê quem você é. Isso é perigoso, mamãe. Ela sabia lutar, sim. Mas ela não é uma mulher perigosa. Elas são mulheres ... Bem, nós somos mulheres para quem o mundo é perigoso. Não quero sair de casa, mamãe. Não quero fazer esse processo sozinho. Mas depende de você».*  
(Valeria Vegas – Veneno, 2020).

A conversa que dá início a essa escrita em tela como disparador da nossa discussão faz parte da série *Veneno*. A produção tem como foco a história de Cristina Ortiz Rodríguez – ícone transexual espanhola – e paralelamente, como pano de fundo, a de Valeria Vegas, fã de Cristina desde a infância, que vem a conhecê-la durante a faculdade de jornalismo e escreve um livro<sup>3</sup> sobre as memórias de Cristina, que ficou conhecida após uma aparição televisiva na década de 1990. No momento em que ocorre essa potente e corajosa conversa com sua mãe, Valeria tem os olhos marejados e demonstra temor, sem saber qual será a sua reação. Os desdobramentos da série nos levam a refletir acerca dos caminhos traçados, e possíveis, por ambas, Cristina e Valeria, assim como investimentos pedagógicos, permanências e ressignificações para o processo de (re)construção de uma sociedade democrática.

Cristina foi expulsa de casa aos 13 (treze) anos. Nascida em Adra, um pequeno município do sul da Espanha, ela fazia parte de uma família religiosa na qual, ao decorrer da série, mostrava-se conservadora. Isso fazia com que o ambiente familiar, assim como a cidade, não fossem acolhedores e seguros para uma pessoa como ela que desde nova não performava aquilo que a sociedade ensina e legitima enquanto o correto e coerente para muitas existências. Nascemos em uma sociedade cisheteronormativa que (re)produz, em diferentes momentos e contextos, princípios que intentam atribuir e materializar linearidades às relações de sexo, gênero, corpo e desejo fazendo com que alguns gêneros sejam compreendidos de forma inteligível (Butler, 2003). Contextos que vêm se mostrando perigosos para determinadas existências, como a população LGBTTI+<sup>4</sup> neste sistema-mundo que joga para as margens o que não se enquadra na norma, operando assim para invisibilizar e/ou tornar menos visíveis alguns corpos-vidas que outras. Ao mesmo tempo em que estabelece desigualdades entre formas de humanidades.

As histórias de Cristina e Valeria também nos levam a pensar sobre o processo de (re) construção de sujeitos em uma sociedade que, quando nascemos, encontramos organizada – sistematicamente em meio a normas cis-heteronormativas. Michel Foucault (2004) defende a «estética da existência» como uma fresta em meio a concepção de uma moral como cumprimento a um código de regras. A «estética da existência» promove um exercício filosófico,

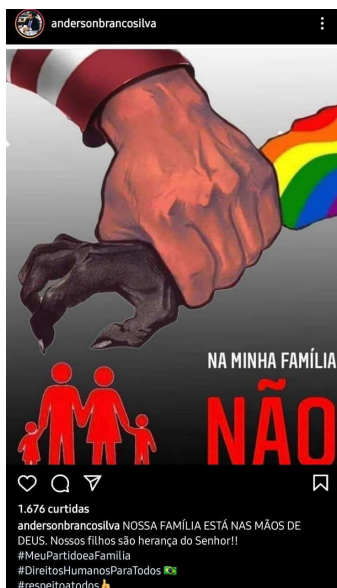
3. *¡Digo! Ni puta, ni santa* é uma obra biográfica que relata as memórias de Cristina Ortiz Rodríguez, La Veneno, lançada em 2016. A autoria conjunta e organização é de Valeria Vegas.

4. A sigla apresenta variações e vem sendo ressignificada ao decorrer dos anos. Para este texto a sigla LGBTTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais) será adotada. O sinal de + é utilizado como forma de incluir pessoas que não se sintam representadas pelas outras letras e indicar que o processo de (re)construção da mesma não se finda.

implicando na transformação de si mesma/o como a de um mundo anterior. Michel Foucault (2004) também chama atenção para práticas do cristianismo, médicas e psicológicas como ações educativas que foram esvaziando essas «artes da existência» e as «técnicas de si» em nossas práticas. Dessa forma, obras como *Veneno* nos ensinam como alguns saberes vêm sendo investidos, engendrando – e comumente naturalizando – relações, sujeitos, instituições, verdades e violências. Também nos leva a pensar nas aproximações com o contexto brasileiro e o conservadorismo que vêm se espalhando estrategicamente em nossas relações e instituições. Assim como a importância de nos construirmos enquanto sujeitos resistentes em uma sociedade que busca constantemente limitar as possibilidades de existência. Sociedade baseada em um sistema-mundo marcadamente moderna-branca-masculina-euro-usa-cêntrica (Walsh, 2012).

Em julho de 2021 uma imagem (Figura 1) veiculada virtualmente nos capturou e nos levou a refletir acerca dos investimentos possíveis nas imagens – pensando-as como produtoras de saberes, verdades e relações. A ilustração trazia como elementos uma família sendo pairada por duas mãos. Uma delas, representa a mão de um monstro, que possui garras, e cores do arco-íris, fazendo alusão ao movimento LGBTQI+ enquanto a outra é a mão de um homem branco que busca impedir a ação desta, protegendo, dessa forma, a família do suposto perigo que se aproxima. Também há uma frase com os dizeres «Na minha família não» com destaque para a palavra «não» que se encontra em vermelho e fonte maior. Assim nos questionamos: qual sentido de democracia vem sendo (re)construído, a quem tais significados servem, quais usos, arranjos e sentidos vêm sendo engendrados?

Figura 1. Imagem «NA MINHA FAMÍLIA NÃO»



Fonte: *Instagram*.

Acreditamos que as imagens, e tantas outras expressões midiáticas, também nos educam, trazem investimentos – sejam elas de forma consciente ou não. As mesmas são elaboradas e preenchidas com elementos que educam mãe, pai, filhas/os, tias/os, avós, primas/os, vizinhas/os, etc., formando assim uma trama, uma rede que busca em diferentes momentos nos preparar para ser a mão que impede o cruzamento da fronteira, o se aproximar do lado «errado». Instauram-se processos disciplinares que intentam «fabricar» o sujeito para que ela/e mesma/o se governe – em meio a normas de ritmo e eficácia –; para que tais corpos sejam submissos, corpos «dóceis» (Foucault, 1999).

Elizabeth Ellsworth (2001) defende, a partir de estudos do cinema, que há diferentes «modos de endereçamento» nas produções cinematográficas, assim como nas dinâmicas e práticas escolares – também consideramos outras manifestações como: séries, novelas, músicas, exposições, pinturas, fotografias, desenhos. Podemos ancorar o modo de endereçamento a duas perguntas que nos permitem inferir sobre a potência estética, política, social e pedagógica de tais obras e práticas: quem esta produção pensa que você é ou quer que você seja? Segundo a pesquisadora, as produções cinematográficas comumente (re)produzem posições de sujeito de forma limitada e enviesada. Assim, as mesmas podem excluir, invisibilizar e silenciar diferentes sujeitos, histórias e possibilidades, contribuindo para relações assimétricas de poder e para a naturalização de saberes e modos de ser de maneira essencialista. Entretanto também há potência para inventividade, subversão de normas e posições de sujeito supostamente «naturais», pois o «modo de endereçamento consiste na diferença entre o que poderia ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível e inteligível de se dizer – e o que é dito» (Ellsworth, 2001).

Observamos também que a mesma imagem faz alusão a quem representa esse perigo contra a família nuclear, o que inferimos a partir da mão monstruosa e as cores do arco-íris fazendo referência ao movimento LGBTTI+. Quanto à mão que protege a família pensamos que a mesma faz referência a um modelo de masculinidade, imponente, viril, sagrado e incontestável, relacionado a diferentes naturalizações. Processos que vêm sendo costurados sócio-histórico-culturalmente em diferentes contextos engendrando e naturalizando relações, sujeitos e práticas como naturais, parte de nossa essência. Em julho de 1983 um pastor estadunidense, através de um *Boletim da Moral Superior*, veiculou uma campanha que tinha como imagem (Figura 2) principal de capa uma imagem de uma família nuclear – cis, heterossexual, branca, composta por um pai, uma mãe e duas crianças – utilizando máscaras. No topo da imagem, a palavra AIDS aparece em destaque de forma garrafal. Na base encontra-se escrita a mensagem «Doenças Homossexuais Ameaçam Famílias Americanas».

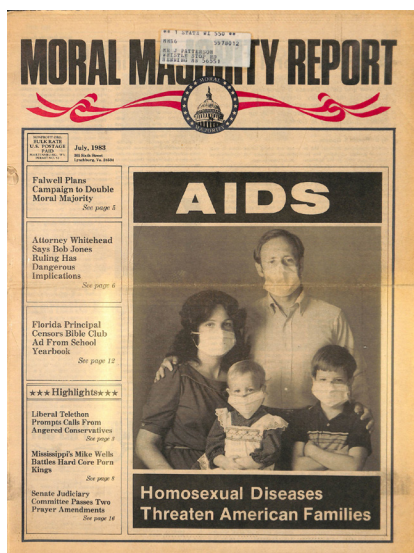
A campanha, veiculada no início da epidemia HIV/AIDS, trazia como investimento saberes que desumanizavam e estigmatizavam homens gays. Em meio a esse contexto também havia leis<sup>5</sup> que proibiam relações sexuais entre pessoas do mesmo gênero, colocando diversos sujeitos em vulnerabilidade e precariedade social. Dessa forma, a política e a religião atuavam através de construções discursivas e não discursivas para o enquadramento daquelas/es que

5. Em muitos estados ainda é possível a aplicação de técnicas e procedimentos violentos comumente conhecidos como «cura gay». A demissão de profissionais LGBTTI+ também era uma possibilidade legal até o ano de 2020.

José Rodolfo Lopes da Silva / Marcio Rodrigo Vale Caetano / Nilcelio Sacramento de Sousa  
«Na minha família não»: culturas e investimentos em família, homossexualidade e cisheteropatriarcado

representavam o suposto «perigo» e relacionalmente aquelas/es que seriam as/os ameaçadas/os. Segundo Michel Foucault (1988), até o fim do século XVIII, as práticas sexuais eram administradas pelo direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Relações de poder-saber que demarcavam linhas entre o lícito e o ilícito. Assim, estabeleciam noções «contra-a-natureza» e «contra-a-lei» engendrando assimilações em que determinadas práticas eram vistas como abominação e infrações à «decretos tão sagrados como os do casamento e estabelecidos para reger a ordem das coisas e dos seres» (Foucault, 1988, p. 38).

Figura 2. Imagem «AIDS. Doenças Homossexuais Ameaçando Famílias Americanas»



Fonte: *Instagram*.

Discutimos sobre a potência das imagens e produções culturais na construção de diferentes saberes, relações, práticas e sujeitos. Pudemos perceber como as mesmas vêm sendo utilizadas por sujeitos alinhados à princípios conservadores que buscam normatizar e universalizar a concepção de família a uma família nuclear – cis, heterossexual, branca, composta por um pai, uma mãe e crianças. Nesse arranjo investem-se em sentidos que não reconhecem outras famílias e/ou sujeitos como naturais, mas sim como ameaças a uma suposta naturalidade e superioridade. Percebemos uma atuação conservadora e neoliberal para a perpetuação e manutenção de estigmas, violências e de um discurso cisheteropatriarcal. Práticas que afetam cidadãos/ãos que não se enquadram em falaciosas normas.

As altas taxas de violência à população LGBTQTTI+ – em meio aos seus diferentes marcadores como gênero, sexualidade, raça, classe, geração, dentre outros – são desdobramentos de políticas violentas, que buscam desumanizar diferentes sujeitos. O estigma sobre tais corpos faz com que muitas/os sejam expulsas de casa pela família. Acabam tendo a rua, e suas



condições de precariedade, como destino comum e precisando lidar com uma sociedade que não garante direitos humanos, saúde, educação, segurança e acesso ao mercado de trabalho.

A série *Veneno*, através de sua narrativa e investimentos, estabelece debates que questionam a instituição família como algo universal e homogêneo. Mostra a potência estética, política, social e pedagógica dos artefatos culturais frente aquilo que está posto como o natural. Estruturas – como o racismo, o machismo e a LGBTTI+fobia – vêm se espalhando estrategicamente em nossa sociedade, relações e diferentes instituições, através de leis e/ou práticas. As mesmas não são recentes, nem agem isoladamente. Vêm através de processos de disputas, negociações, resistências e violências sendo (re)construídas com base em supostas racionalidades e universalidades inquestionáveis. Apagamentos e silenciamentos de diferentes sujeitos e saberes também objetivam naturalizar a experiência, ou seja, as percepções daquelas/es envolvidas/os.

#### 4. CONCLUSÕES

Consideramos a cultura um campo de disputas, negociações e resistências, sendo portanto importante falar de culturas – a partir de suas pluralidades. No decorrer dos séculos XIX e XX ela veio se estabelecendo como uma forma de assimilar o controle social (Yúdice, 2004) instituindo, de forma consciente ou não, formas de ser e estar no mundo. Processos que se dão sutilmente e se espalham estrategicamente pelas nossas relações buscando naturalizar saberes e possibilidades para diferentes sujeitos. Sendo assim percebemos que a cultura não é um campo neutro, pois há diferentes relações de poder implicadas em sua (re)produção.

A utilização da cultura para a associação da homossexualidade como algo patológico e que deve ser combatido não é algo novo, nem isolado. Saberes conservadores vêm atuando nessa produção com justificativas falaciosas de que sexualidades dissidentes seriam um perigo, uma ameaça à criação sagrada de família. Entretanto, pensamos na escola e na cultura em suas potências e possibilidades para a (re)construção de saberes, olhares e relações que investem na (re)construção de uma sociedade democrática. Currículos e práticas que possibilitem (re)pensar e questionar aquilo que/quem comumente aprendemos a enxergar como perigo e/ou como referência. Acreditamos ser perigosa uma sociedade que busca universalizar e homogeneizar sua população e não investir em possibilidades para que seus sujeitos se desenvolvam em suas potencialidades. A formulação de políticas públicas, que busquem reparar estigmas e violências, e realizar debates focados em tais aspectos significa investir na sociedade que desejamos (re)construir, em que vidas sejam valorizadas e cuidadas.

As imagens discutidas buscam limitar a compreensão de família e estigmatizar sujeitos não cisheteropatriarcais se apoiando em falácias. Investem na construção e manutenção de supostas universalidade e neutralidade ancoradas na autoridade e artificial superioridade de um tipo de conhecimento e sujeito. Não busca um cuidado, mas sim a permanência de violências e exclusões. *Veneno* nos captura ao questionar pressupostos naturalizados e violentos, mostra quais vidas o Estado não vem cuidando e de que formas são afetadas. O Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTTI+ no mundo, sendo a população travesti/trans as/os mais afetadas/os na comunidade. Legitimar diferentes culturas, mas também formular políticas para grupos



subalternizados e marginalizados, são elementos de enfrentamento e posicionamento frente a uma realidade que busca suprimir vidas e possibilidades. São compromissos éticos de uma sociedade democrática.

## REFERÊNCIAS

- Anadon, S. B., Caetano, M. & Rangel, M. (2015). A Galinha Pintadinha e o reino do Galo Carijó: dinâmicas androcêntricas na educação da infância. *Revista Cadernos de Educação*, 52, 1-20. <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i52.7314>
- Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Editora Civilização Brasileira.
- Ellsworth, E. (2001). *Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também*. In Tomaz Tadeu da Silva (Org.), *Nunca fomos humanos* (pp. 07-76). Autêntica.
- Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Graal.
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalheite. Vozes.
- Foucault, M. (2004). *Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política*. Forense Universitária.
- Mondzain, M.-J. (2009). *A imagem pode matar?* Nova Vega.
- Silva, T. T. da. (2004). *Documentos de identidade*. 2 ed. Autêntica.
- Yúdice, G. (2004). *A conveniência da cultura*. Ed. UFMG.

